

na sombra da noite

nora roberts

Tradução de Isabel C. Penteado

*Para Jason e Kat,
meus petizes teatrais*



PRIMEIRA PARTE

O MENINO



*A vontade de um menino é como a do vento,
E as memórias da juventude são longas, longas memórias.*

— HENRY WADSWORTH LONGFELLOW

Todos conseguem dominar uma dor, exceto quem dela padece.

— WILLIAM SHAKESPEARE

CAPÍTULO UM



Quando tinha nove anos de idade, e a mãe travava a sua primeira terrível batalha contra o cancro, ele tornou-se ladrão. Na época, não via isso como uma escolha, uma aventura ou algo empolgante — embora, anos mais tarde, viesse a considerar que a sua carreira era tudo isso. O jovem Harry Booth equiparava roubo com sobrevivência.

Precisavam de comer, de pagar a hipoteca e os médicos, e de comprar os medicamentos, mesmo que a mãe estivesse demasiado doente para trabalhar. Ela fazia o seu melhor, como sempre, com grande esforço, enquanto o cabelo lhe caía em tufos e o seu corpo esguio emagrecia a olhos vistos.

A pequena empresa que a mãe havia montado com a irmã, a estouvada da tia Mags, não conseguia fazer face às despesas do cancro, ao enorme montante necessário para combater o que invadia o seu corpo. A mãe era a espinha dorsal da Serviços de Limpeza Irmãs Cintilantes, e mesmo com a ajuda de Harry aos fins de semana, tinham perdido clientes.

Quando se perdia clientes, perdia-se receita. Quando se perdia receita, havia que arranjar dinheiro para pagar a hipoteca da acolhedora casa de dois quartos no West Side de Chicago.

A casa podia não ser grande coisa, mas era deles... e do banco. A mãe não havia falhado uma única das estúpidas prestações até adoecer, mas os bancos não se ralavam com isso quando os pagamentos começavam a atrasar.

Toda a gente queria o seu dinheiro e a dívida aumentava sempre que não se pagava a horas. Quando se tinha cartão de crédito, podia-se pagar coisas como medicamentos e sapatos — os seus pés não paravam de crescer —, mas isso originava mais faturas, taxas e juros de mora e afins, e Harry acabava por ouvir a mãe a chorar de noite quando pensava que ele estava a dormir.

Harry sabia que Mags ajudava. A tia esforçava-se muito para manter clientes e pagava algumas das faturas e juros de mora com o seu próprio dinheiro. Mas não era suficiente.

Aos nove anos, aprendeu que “execução hipotecária” significava que podiam acabar na rua e que “reapossado” significava que podiam levar-lhes o carro.

Assim, aos nove anos, ele aprendeu da pior maneira que respeitar as regras, como a mãe sempre fizera, não tinha grande valor para aqueles que usavam fato, gravata e pasta.

Ele sabia roubar carteiras. A estouvada da tia Mags passara um par de anos numa feira ambulante e aprendera alguns truques que lhe ensinara como se fosse uma espécie de jogo.

Ele tinha jeito para a coisa, bastante jeito, e resolveu pôr a uso esse talento. O bem e o mal, que a mãe tão cuidadosamente lhe ensinara, também não tinham grande significado quando ela vomitava na casa de banho após a quimioterapia ou atava um lenço em torno da cabeça calva e se arrastava para ir limpar uma qualquer casa luxuosa à beira de um lago.

Ele não culpava as pessoas das casas luxuosas à beira do lago, nem as das *penthouses* elegantes, ou as dos reluzentes edifícios de escritórios. Essas pessoas tinham simplesmente tido mais sorte do que a sua mãe.

Harry viajava nos comboios, deambulava pelas ruas, escolhia os seus alvos. Tinha bom olho para eles: os turistas descuidados, o tipo que havia bebido de mais na *happy hour*, a mulher demasiado atarefada a trocar mensagens no telemóvel para dar atenção à sua mala.

O menino magro, prestes a dar um salto de crescimento, de cabelos castanhos ondulados e profundos olhos azuis de pálpebras descaídas capazes de irradiar inocência, não parecia um ladrão.

Ele era capaz de exibir um sorriso encantador ou esboçar um sorriso tímido. Um dia podia cobrir os cabelos com um boné dos Chicago Cubs virado para trás — o seu visual de patego — ou alisá-los para ficar com a aparência de aluno de colégio privado.

Durante o período em que a mãe estivera demasiado doente para saber o que se passava, a hipoteca foi paga — Mags não fazia perguntas e ele não lhe contava nada — e as luzes mantiveram-se acesas. E ele tinha o suficiente para vasculhar as lojas de segunda mão em busca do que considerava uma indumentária: um velho casaco de escola, umas calças formais, uma *sweatshirt* desbotada dos Chicago Bears. Costurou umas pequenas bolsas e bolsos no interior de um casaco de inverno de segunda, quiçá terceira, mão.

E comprou o seu primeiro conjunto de gazuas.

Harry mantinha boas notas. Tinha uma mente sedenta e brilhante, estudava, fazia os trabalhos de casa e não se metia em sarilhos. Considerou montar um negócio, cobrando para fazer os deveres de outros, mas sabia que a maioria dos miúdos eram linguarudos.

Em vez disso, praticava com as gazuas e usava o computador da biblioteca para pesquisar sistemas de segurança e alarme.

Então a mãe melhorou. Embora continuasse pálida e magra, ganhou forças. Os médicos chamaram-lhe remissão.

Essa tornou-se a palavra favorita de Harry.

A vida seguiu normalmente durante os três anos seguintes. Harry continuou a roubar carteiras. Assaltava lojas, mas com muito cuidado. Nada demasiado caro nem identificável. Tinha feito um bom acordo com uma casa de penhores em South Side.

Tinham uma montanha de contas para pagar e o dinheiro que ele ganhava dando explicações a colegas não era suficiente.

Além disso, já lhe tinha tomado o gosto.

A mãe e Mags reergueram o seu negócio e, durante três anos, Harry passou os verões a limpar, a esfregar e a inspecionar cuidadosamente casas e negócios.

Era um jovem de olhos postos no futuro.

Então, quando a montanha de contas ficou reduzida a uma pequena colina e a preocupação se desvaneceu dos olhos da mãe, o cancro regressou para mais uma batalha.

Dois dias após o seu décimo segundo aniversário, Harry invadiu a sua primeira casa. O medo que tivera de ser apanhado e arrastado para a prisão, e de que o trauma por isso provocado se juntasse ao cancro e matasse a sua mãe, evaporou-se no instante em que entrou na silenciosa escuridão.

Anos depois, ao recordar, compreenderia que fora naquele instante que encontrara o seu propósito. Talvez não fosse um bom propósito, aceitável pela sociedade educada, mas era o seu.

E ali estava ele, agora um rapaz alto, depois do tão desejado salto de crescimento, a contemplar, através das amplas janelas, o luar que se estendia sobre o lago.

Tudo cheirava a rosas, limões e liberdade.

Só ele sabia que estava ali. Podia tocar no que quisesse, levar o que quisesse.

Ele sabia como funcionava o mercado da eletrónica, da prata e das joias... embora as boas joias estivessem em lugar seguro. Ainda não sabia arrombar cofres, mas prometeu a si mesmo que aprenderia a fazê-lo.

Naquele momento não tinha tempo nem capacidade para levar tudo o que reluzia.

A sua vontade era ficar ali, a deliciar-se simplesmente, mas forçou-se a pôr mãos à obra.

Harry aprendera que a maior parte das pessoas não tinha qualquer problema em mexericar diante do pessoal doméstico, principalmente quando o empregado era um menino de doze anos que esfregava o chão da cozinha enquanto a dita pessoa e a vizinha planeavam um evento de beneficência e bebiam café na sala de jantar.

Assim, mantendo a cabeça baixa, os ouvidos bem atentos e as mãos ocupadas, Harry tomou conhecimento da existência da coleção de selos do marido da vizinha da sua cliente.

A mulher falava do assunto entre risos.

— Tornou-se uma obsessão desde que ele herdou a coleção do tio no ano passado. Acreditas que ele acabou de gastar cinco mil dólares numa daquelas coisas?

— Num selo?

— Sem contar com o sistema de controlo de temperatura e humidade que ele teve de instalar no escritório lá de casa, onde os guarda. Ele costumava fazer troça do passatempo do tio e agora não quer outra coisa. Está constantemente a visitar leilões e *sites* da *internet* e fez os seus próprios álbuns. Agora é um investimento, e por mim tudo bem. Quero lá saber se ele tem um monte de selos estúpidos na escrivaninha. Mas ele anda a averiguar leilões e negociantes em Roma para poder ir dar uma olhada quando lá formos no próximo mês.

— Deixa-o comprar os selos — aconselhou a cliente. — Tu compras sapatos.

Harry guardou toda a informação e decidiu que o universo lhe enviara um grande sinal quando a amiga falou em transportar caixas do evento para o seu carro.

Aproximou-se da sala de jantar, todo inocência.

— Desculpe, senhora Kelper, já terminei na cozinha. Hum... precisa de ajuda para transportar alguma coisa?

— Por acaso... Alva, este é o Harry. Harry, a senhora Finkle precisa de umas costas fortes.

Ele sorriu de imediato e fletiu um bíceps.

— Posso dar-lhe uma mãozinha antes de ir ajudar a minha tia a terminar lá em cima.

Assim, acompanhou a senhora Finkle até à bonita casa ao lado, com as suas belas vistas para o lago, e observou de perto o sistema de alarme quando entraram. Reparou que não tinham cão, o que era sempre uma vantagem.

— Hum... vai mudar-se, senhora Finkle?

— O quê? — A mulher olhou-o de relance enquanto atravessavam o grande átrio da entrada. — Ah, as caixas. Não, estamos a organizar um evento de beneficência, um leilão silencioso. Eu estou encarregue de reunir os objetos.

— É muito amável da sua parte.

— Temos de fazer o que podemos pelos menos afortunados.

Entendo, pensou Harry, observando atentamente o espaço aberto, a curva para a esquerda e a porta dupla de vidro, fechada, que dava acesso ao escritório de aspeto masculino.

Harry acartou caixas para o exterior e arrumou-as na bagageira de um reluzente SUV *Mercedes* branco.

E embora a quisesse, e lhe fizesse jeito, recusou a gorjeta de cinco dólares.

— Faço isto por caridade — disse ele. — Mas obrigado.

Voltou ao trabalho e passou o resto da soalheira manhã de verão com as mãos enfiadas em água quente com sabão.

Ele e Mags apanharam o comboio de regresso a casa em silêncio porque era dia de quimioterapia, e a tia passou a viagem toda a meditar com uma das suas pedras mágicas na mão para fomentar vibrações saudáveis. Ou algo do estilo.

Depois, com a mãe de cabeça envolta num lenço cor-de-rosa, foram para o hospital para o melhor e o pior dia.

Melhor, porque a enfermeira — Harry gostava mais da enfermeira do que do médico — disse que a mãe estava a melhorar. Pior, porque o tratamento a deixaria muito indisposta.

Harry sentou-se ao lado da mãe a ler em voz alta o que chamavam de «livro do Dia Q». Ela mantinha os olhos fechados enquanto a máquina bombeava o medicamento para dentro do seu corpo, mas ele conseguiu fazê-la sorrir, até rir um pouco, quando mudava a voz para representar as diferentes personagens.

— És o maior, Harry — murmurou ela, com Mags sentada no chão de pernas cruzadas aos seus pés. Imaginando, dissera-lhes ela, uma luz branca a arrasar o cancro.

Como sempre, no melhor e pior dos dias, Mags preparou um jantar que, segundo ela, tinha propriedades curativas e cheirava quase pior do que sabia.

A tia queimava incenso, pendurava cristais, cantava e falava de espíritos-guia ou algo do estilo.

Mas, por muito estouvada que fosse, ficava sempre na noite do dia da quimioterapia e dormia num colchão insuflável, no chão, ao lado da cama da irmã.

E se tinha conhecimento da frequência com que Harry se esgueirava de casa, nunca disse nada. Se se questionava onde é que ele arranjava centenas de dólares extra, nunca perguntou.

Harry estava agora envolto no silêncio ensurdecedor da casa dos Finkle à beira do lago. Deslocava-se silenciosamente, embora não houvesse ninguém para o escutar se avançasse a passos largos para a porta dupla de vidro.

Dentro do escritório, inspirou o ar que cheirava vagamente a fumo e cerejas. *Charutos*, concluiu ele ao ver a máquina humidificadora sobre a grande escrivaninha ornamentada.

Curioso, levantou a tampa e cheirou. Tirou um charuto e fingiu dar umas baforadas. Por puro capricho — afinal tinha apenas doze anos — meteu-o na mochila.

Depois sentou-se na cadeira de couro de costas altas, cor de vinho do Porto, oscilou para trás e para a frente e franziu o sobrolho como imaginava que fizesse um homem rico a dirigir uma reunião.

— Estão todos despedidos! — Espetou um dedo no ar e soltou uma gargalhada ruidosa.

Depois pôs mãos à obra.

Fora preparado para abrir uma gaveta trancada, mas, aparentemente, Finkle considerava a sua casa demasiado segura para se dar a esse trabalho.

Harry encontrou os álbuns — quatro ao todo — e, usando a sua caneta-lanterna, começou a folheá-los.

Não os levaria a todos. Não lhe parecia justo e, além disso, demoraria demasiado tempo a tirá-los dali. Mas nas últimas três semanas ele havia pesquisado muito sobre selos.

Finkle dispusera os seus em papel preto livre de químicos e utilizara bolsas de papel cristal para os proteger. Tinha uma pinça, mas Harry não se ariscaria a usá-la. Sem prática nem habilidade, poderia rasgar ou danificar um selo e reduzir o seu valor.

A maior parte das bolsas tinham quatro colunas de seis selos. Harry escolheu uma do primeiro álbum e transferiu-a cuidadosamente para a pasta que levava consigo.

Uma bolsa de cada álbum parecia-lhe bem, por isso arrumou o primeiro álbum e abriu o segundo. Analisou-o com calma, e como Finkle tinha, em cada álbum, uma útil tabela com o registo dos selos e respetivos valores, ele nem sequer teve de se esforçar muito.

Tinha acabado de escolher a bolsa do último álbum quando as luzes se acenderam do outro lado das portas de vidro.

Com o coração a palpar na garganta, fechou a gaveta da escrivaninha

com o último álbum, agarrou na bolsa e deslizou com ela para debaixo da mesa.

Estava alguém dentro de casa. Alguém além dele.

Outro ladrão. Um adulto. Três adultos. Com armas.

Imaginou três homens vestidos de negro, de armas em punho. Talvez não quisessem os selos. Talvez nem tivessem conhecimento da sua existência.

Claro que tinham, e iriam entrar no escritório. Iriam encontrá-lo, alvejá-lo na cabeça e enterrá-lo numa campa rasa.

Harry tentou encolher-se, imaginou-se invisível. E pensou na mãe, cada vez mais doente de preocupação.

Tinha de sair dali, passar por eles de alguma forma ou encontrar um sítio melhor para se esconder. Começou a contar até três. Aos três, sairia de baixo da escrivaninha a rastejar.

O estrondo da música sobressaltou-o e ele bateu com a cabeça na parte inferior do tampo com força suficiente para ver estrelas.

Com a cabeça a andar à roda, Harry proferiu todos os palavrões que conhecia. Duas vezes.

A segunda vez foi dirigida a si próprio pela sua estupidez.

Os ladrões não acendiam as luzes nem punham música em altos berros.

Estava alguém em casa, sim, mas não eram ladrões armados prontos a alvejá-lo na cabeça.

Com cuidado — com especial cuidado, pois as suas mãos continuavam a tremer ligeiramente —, pôs a bolsa na pasta e guardou esta dentro da mochila.

Rastejou de baixo da escrivaninha e, de olhos postos nas portas de vidro, afastou-se da luz. Enquanto o fazia, viu um rapaz — mais velho do que ele, mas não muito — de boxers.

Estava na cozinha, a verter o que lhe parecia vinho para um par de copos. Harry começara a chegar às sombras quando a rapariga apareceu a dançar.

Usava apenas roupa interior: um sutiã rendado e uma tanga como os do catálogo de *Victoria's Secret* que a mãe do seu amigo Will recebia pelo correio e que ele, Will e outros rapazes devoravam com os olhos sempre que podiam.

O vermelho-vivo contrastava com a sua pele e o traseiro dela estava mesmo ali. Mesmo ali. E os seios, roliços por cima do sutiã, tremelicavam enquanto ela sacudia os ombros e agitava as ancas.

Se olhassem em direção às portas, vê-lo-iam, mas ele não conseguia mexer-se. Era um rapaz de doze anos e a ereção instantânea deixou-o petrificado.

Ela tinha cabelos pretos, uns longos cabelos pretos que levantou e voltou a

deixar cair quando agarrou no copo de vinho. Enquanto bebia, aproximou-se do rapaz a dançar. Ele também dançava, mas, aos olhos de Harry, não passava de um borrão.

Ele só via a rapariga.

Ela levou uma mão às costas e desapertou o sutiã. Quando este caiu, todo o sangue do corpo de Harry começou a latejar nas entrepernas.

Ele nunca vira os seios verdadeiros de uma rapariga de verdade. E eram fabulosos.

Balançavam e saltitavam ao ritmo da música.

Harry teve o seu primeiro orgasmo avassalador ao som de *Dance, Dance* dos Fallon Out Boys e receou que os olhos lhe saltassem das órbitas e que o coração parasse de bater. Depois, o seu desejo era ficar deitado no reluzente soalho de madeira maciça o resto da sua vida.

Mas agora o rapaz e a rapariga estavam envolvidos um no outro. Faziam coisas, montes de coisas, e ele estava a despir-lhe a tanga.

E, céus, ela ficou completamente nua. Ele conseguia ouvi-la a emitir sons sexuais por cima da música.

Subitamente, estavam no chão a fazê-lo. A fazê-lo! Ali mesmo, com a rapariga em cima.

Mais do que qualquer outra coisa, Harry queria observá-los. Mas o ladrão no seu interior sabia que estava na hora de se escapulir. Tinha de sair dali enquanto eles se encontravam demasiado ocupados para darem pela sua presença.

Abriu lentamente a porta, atravessou-a a rastejar e depois fechou-a com o pé.

Naquele momento, a rapariga quase cantava: *Terry, oh, céus, Terry!*

Harry deixou de rastejar para prosseguir de gatas, respirou fundo e a seguir correu até à porta. Enquanto se escapulia da casa, ouviu-a gritar de êxtase.

A caminho do comboio, aproveitou para reviver cada momento.

Harry vendeu os selos por doze mil dólares, mas sabia que teria conseguido mais se tivesse maior conhecimento do assunto. E se não fosse um miúdo.

Mas doze mil dólares era uma fortuna e era demasiado dinheiro para ficar escondido no seu quarto.

Tinha de recorrer à estouvada da tia Mags.

Esperou que estivessem os dois a sós. A mãe insistia em ajudar, mas só conseguia fazer limpezas mais ligeiras numa casa por dia, e às quintas-feiras tinham duas.

Harry estava a ajudar a tia a trocar os lençóis de um elegante apartamento de solteiro. A chuva que caía desde manhã fustigava as janelas enquanto

trabalhavam. Mags tinha ligado a aparelhagem de som do cliente para ouvir uma porcaria qualquer estilo Nova Vaga.

Ela usava uma *t-shirt* que tingira de roxo e verde, e o cabelo, que pintara recentemente de um intenso tom *bordeaux*, estava preso sob um lenço verde. Tinha umas pedras pendentes nas orelhas e um cristal de quartzo rosa — para atrair amor e harmonia — numa corrente ao pescoço.

— Quero abrir uma conta bancária.

Harry olhou para a tia, que enfiava lençóis no cesto da roupa. Os olhos dela eram azuis como os dele e os da mãe, mas de um tom mais claro e sonhador.

— Porquê, companheiro?

— Porque sim.

— Hum.

Mags desdobrou o lençol de baixo e, juntos, sacudiram-no e começaram a ajustá-lo ao colchão.

Harry sabia que ela podia deixar a conversa por ali. O «hum» podia estender-se por toda a eternidade.

— Tenho quase treze anos e poupei algum dinheiro, por isso quero ter uma conta no banco.

— Se essa fosse toda a verdade, e não só parte, estarias a falar com a tua mãe e não comigo.

— Não quero incomodá-la.

— Hum.

Repetiram o processo com o lençol de cima.

— Preciso que vá um adulto comigo, provavelmente para assinar coisas.

— Quanto dinheiro?

Se a tia o acompanhasse, iria descobrir, por isso Harry olhou-a diretamente nos olhos.

— Quase quinze mil.

Ela fitou-o intensamente. A minúscula pedra azul que usava na narina cintilou.

— Vais dizer-me onde arranjaste tanto dinheiro?

— Tenho estado a dar explicações, a fazer biscates e a limpar casas. E não gasto quase nada.

Mags virou costas para pegar no edredão, preto como breu e suave como uma nuvem.

— Hum — disse ela.

— O dinheiro é meu, e com ele posso pagar algumas contas e parte da hipoteca. Vamos ficar outra vez com essas porcarias todas em atraso, e um tipo

de uma agência de cobrança foi lá a casa. A mãe disse-me para ir para o meu quarto, mas eu consegui ouvir o suficiente.

Mags anuiu com a cabeça enquanto colocavam o edredão sobre a cama e começavam a enfronhar as almofadas.

— És um bom filho, Harry, e não queres falar nisto à Dana porque ela não iria na conversa. Faria demasiadas perguntas, mas eu também tenho algumas antes de chegarmos a um acordo.

— Está bem.

— Mataste ou magoaste alguém para conseguires o dinheiro?

— Não — respondeu ele com uma genuína expressão de choque.
— Caramba!

Ela dispôs as almofadas na cama.

— Andas a vender droga... nem que seja erva, Harry?

Por acaso ele sabia que Mags fumava erva sempre que conseguia arranjá-la, mas não era essa a questão.

— Não.

Ela olhou-o longamente com aqueles olhos sonhadores.

— Andas a vender-te, querido? Sexo?

O queixo de Harry não caiu no chão, mas foi essa a sensação que ele teve.

— Credo! Não. Isso é simplesmente... Não.

— Ainda bem. É um alívio. És um menino muito bonito, uma isca de primeira qualidade para alguns, e eu estava um pouco preocupada com isso. Achas que eu não sei que te esgueiras de casa à noite? — perguntou ela enquanto levava as fronhas. — Esperava que tivesses uma namorada ou que fosses divertir-te com alguns amigos. — Observou-o atentamente enquanto mexia no seu cristal. — O que quer que andes a fazer, é pela tua mãe. E eu amo-a tanto como tu.

— Eu sei.

— Não compreendo por que motivo o universo pôs esta sombra sobre ela, e não me agrada que seja o dinheiro a trazer a luz. Mas no caso dela é assim, visto que ela se preocupa demasiado com as contas a pagar.

Mags recuou e contemplou a cama antes de anuir em aprovação.

— Tu não precisas de uma conta à ordem. Precisas de uma conta de títulos. Dinheiro gera dinheiro, essa é a triste verdade.

Mags tinha umas ideias estranhas, sem dúvida, mas Harry também sabia que não era parva nenhuma. Por isso, escutou-a e refletiu.

— Uma conta de títulos?

— Estás a pensar... poupar mais?

— Sim. Não são só as contas. A última vez que o forno foi reparado,

disseram-nos que não poderia voltar a ser arranjado e que no próximo inverno iríamos precisar de um novo.

— Conta de títulos. Namorei com um tipo que trata dessas coisas. Era demasiado conservador para a relação evoluir, mas ele vai orientar-nos. — Mags aproximou-se de Harry e pousou-lhe as mãos nas faces. — És um bom filho e um menino inteligente. — Deu-lhe umas palmadinhas no rosto. — Continua assim.

Ouviram falar do roubo dos selos dos Finkle quando a senhora Kelper regava as plantas do seu terraço. Harry sentiu o frio olhar de revés que Mags lhe dirigiu enquanto lavava as portas de vidro do terraço e ele polia os eletrodomésticos de aço inoxidável.

— Lamento imenso — disse Mags. — Eram valiosos?

— Pelos vistos, sim, mas o pior é que o filho deles, o Terry, ia tirar uns cursos de verão na universidade, mas borrifou-se para isso e andou a dar festas a semana toda enquanto os pais estavam fora. Em casa deles. Eu tive de dizer à Alva que vi as luzes, ouvi a música e os carros. Por isso, provavelmente foram levados por um dos amigos dele, ou um amigo de um amigo... sabe como são aquelas festas de universidade...

Um sinal, pensou Harry enquanto deixava o frigorífico a brilhar.

Como diria Mags, o universo mostrou uma luz.

E a mãe dele melhorou.

Aos dezasseis anos, Harry apaixonou-se por uma loura com olhos de Bambi chamada Nita. A rapariga superalimentava-lhe os sonhos e fazia-o flutuar pelos corredores da escola. Ele dava-lhe explicações de espanhol, de borla, e ajudava-a com os trabalhos de álgebra.

Iam ao cinema ou comer piza; umas vezes sozinhos, outras com Will e a sua miúda do dia. Ele convidou-a para o baile de finalistas; ela aceitou.

Harry reduziu a carga de trabalho, tanto nas limpezas como no arrombamento de fechaduras, para passar mais tempo com ela. Afinal, tinham comprado o forno novo, pagado as faturas médicas e as contas estavam em dia.

Ele continuava a ajudar, evidentemente, limpando com a mãe e Mags aos sábados à tarde. Assaltava, em média, duas casas por mês, fazendo crescer a sua conta.

Afinal, continuavam a ter contas para pagar e a universidade estava ao virar da esquina.

A sua mãe gostava de Nita e adorava ter os seus amigos em casa a ver

DVD ou a jogar videojogos. Para Harry, o último ano de liceu seria para sempre uma das suas melhores recordações.

Para o baile de finalistas, ele e Will juntaram-se e alugaram uma limusina. Harry comprou um ramalhete com botões de rosa para o pulso e alugou um *smoking*.

Quando ele saiu do quarto, Dana levou as mãos ao rosto.

— Oh! Olha para ti. Mags, é Booth, Harry Booth. Nada de martinis esta noite, meu filho. Nem agitados, nem mexidos.

— Palavra de escuteiro. — Harry levantou dois dedos, depois cruzou-os para a fazer rir.

— Fotografias! — A mãe agarrou no telemóvel, mas Mags arrancou-lho da mão.

— Vai pôr-te ao lado do teu filho jeitoso. Céus, Dana, ele é igualzinho a ti.

— Amor da minha vida — murmurou Dana, encostando a cabeça ao ombro do filho.

Harry envolveu-a nos braços e puxou-a para si.

— A melhor mãe do mundo.

Ela virou-se e passou-lhe uma mão pelos cabelos.

— Estás tão alto. O meu bebé cresceu, Mags, e vai a caminho do baile de finalistas do liceu. Anda, precisamos de uma foto do Harry contigo.

Dana e Mags trocaram de lugar. Mags pôs-se em bicos de pés como se fosse beijar a face de Harry e sussurrou:

— Meti uns preservativos no bolso direito do teu casaco. Mais vale prevenir do que remediar.

Naquela noite, depois da magia do baile, durante a festa que se seguiu em casa de Will, Harry tirou a virgindade a Nita, e ela a dele, no frio chão ladrilhado da casa de banho de serviço.

Ele começou as últimas férias de verão do liceu mais feliz do que nunca.

Antes de o verão acabar, o cancro regressou para uma última batalha.

CAPÍTULO DOIS



Harry nunca duvidou do amor da tia pela irmã. O passado da mulher incluía feiras ambulantes, comunas e conciliábulos de bruxas. Havia percorrido o país à boleia, trabalhado brevemente como *showgirl* em Las Vegas, como artista performativa, como assistente de ilusionista e como empregada de mesa numa estação de serviço, onde conhecera o homem a quem se referia como primeiro ex-marido.

Mas Mags aprisionou o seu prazer de viajar durante uma década para ficar ao lado da irmã mais nova. Limpou casas, apartamentos e edifícios de escritórios e, mesmo nos bons momentos, raramente passava mais de meia dúzia de dias afastada e por sua conta.

Nos maus momentos, ela era uma rocha; uma rocha colorida, mas sólida. Nunca faltou a uma consulta médica nem a um dia de quimioterapia. Quando Dana estava demasiado fraca para se arranjar sozinha, Mags dava-lhe banho e vestia-a... recusando a ajuda de Harry.

— Um filho não dá banho à mãe — decretou ela. — Não quando a mãe tem uma irmã.

Mas ele compreendeu o quão grande e profundo era esse amor quando o cancro levou pela terceira vez os cabelos da mãe.

Ele e Dana preparavam juntos o jantar. Ela estava a ter um bom dia, um dia bastante vigoroso. Ele podia estar preocupado com as olheiras escuras que lhe assombravam os olhos, ou com o quão débil lhe parecia quando a abraçava — só pele e osso —, mas estava com boas cores e os olhos acima das olheiras brilhavam de felicidade.

Harry tinha acabado de fazer os trabalhos de casa e Mags chegaria por volta das oito. Ele podia sair sem preocupações e conviver um bocado com Will. Depois tinha uma casa para examinar antes de voltar para a sua.

Mas aquele dia tão bom tornou-se estranho e espantoso quando Mags chegou duas horas antes do previsto.

A mulher que adorava pintar a farta melena ondulada de cores extravagantes, e que frequentemente a entrançava com contas e penas, surgiu com a cabeça rapada coberta de purpurina.

A colher que Dana tinha na mão caiu com estrépito no chão.

— Meu Deus, Mags! O que fizeste?

— Está um espetáculo, não está? — Mags fez pose, com uma mão na anca e a outra atrás da orelha. — Acho que a purpurina faz toda a diferença. Usei purpurina com as cores do arco-íris para homenagear os meus amigos, inimigos e estranhos *gays* e lésbicas, por isso é tipo dois em um.

— O teu cabelo, o teu lindo cabelo.

— Doeio-o... três em um. — Espetou um dedo quando Dana começou a chorar. — Para com isso. O que é o jantar?

— Mags, Mags, tu não tinhas de...

— Eu não tenho de fazer porra nenhuma. Sou um espírito livre e faço o que quero quando quero. — Enquanto falava, encaminhou-se para a cozinha e começou a cheirar a frigideira. — Cheira bem.

— É... tem frango. Tu és vegetariana...

— Hoje, não. Hoje sou uma carnívora careca, por isso espero que chegue para mim.

— É suficiente. — Receando chorar também, Harry tirou a frigideira do lume antes que queimasse, rodeou com um braço cada mulher e apertou-as contra si. — Será sempre suficiente.

Depois do jantar, quando Mags convenceu Dana a jogar a sua versão pessoal de *Scrabble* — pontos extra para as melhores palavras inventadas —, Harry observou-se ao espelho da casa de banho.

Gostava do seu cabelo. Na verdade, adia ao máximo cortá-lo porque lho cortavam sempre mais do que queria.

E gostava muito do modo como Nita brincava com ele.

Mas compreendia que o que Mags havia feito era um gesto de amor, apoio e... que diabo, solidariedade.

Assim, pegou na sua máquina de barbear; não sentia confiança em si mesmo para usar espuma e lâmina no rosto. Respirou fundo algumas vezes até ver mais determinação do que medo nos olhos que o fitavam no espelho.

Após a primeira passagem longa, quase até ao centro, e a queda das ondas espessas, teve de se dobrar pela cintura e agarrar-se ao balcão.

As pernas fraquejaram, o estômago embrulhou-se e ele ficou simplesmente sem fôlego.

— C'um caraças. — Obrigou-se a olhar outra vez e viu os olhos quase lhe saltarem das órbitas. — C'um caraças. Agora não há volta a dar. Despacha isto.

A segunda passagem provocou a mesma reação, mas ele conseguiu manter-se mais firme nas seguintes.

A máquina não era a melhor, e ele imaginava que provavelmente teria reduzido a sua longevidade para metade.

No final ficou um milímetro de cabelo, mas, a seu ver, o que contava era a intenção.

Harry parecia... muito esquisito, constatou. Não parecia nada ele. Ocorreu-lhe que teria de usar um gorro para o seu trabalho noturno, mas considerou as possibilidades de mais mudanças de visual radicais e como estas poderiam contribuir para o seu repertório de truques.

Limçou a casa de banho, voltou a contemplar-se e percebeu outra coisa: como a mãe se sentiria quando se olhava ao espelho. Ela não tinha escolha quanto à queda do cabelo. O cancro e os tratamentos tiravam-lhe essa escolha. Quando se olhava ao espelho, ela via essa perda, essa falta de escolha, e alguém que não parecia ela mesma.

— Mais uma razão para a Mags o ter feito — murmurou ele. — Para poder sentir, ver e perceber como é para a mãe.

Entrou no seu quarto e trocou de camisa. Depois experimentou uns óculos, de lentes transparentes, que por vezes utilizava para mudar o visual. Trocou-os por uns óculos de sol.

Semicerrou os olhos e imaginou-se com mosca ou barbicha. Talvez conseguisse fazer uns postigos com o seu próprio cabelo e algumas das coisas que usavam nas peças do departamento de teatro da escola.

Agradado com os possíveis benefícios colaterais, guardou o saco de cabelo e agarrou num boné.

Quando saiu do quarto, as irmãs estavam embrenhadas no jogo.

— *Bovimento?* Ora, Mags.

— O lamento de um boi com obstipação, ou o de uma vaca em trabalho de parto. — Mags sorriu e agitou as pestanas enquanto Dana revirava os olhos. — Bónus de nove letras, com pontuação a duplicar e ainda o bónus extra. Estou a dar-te uma sova, Dane.

— Pois, bem, eu consigo superar isso. Consigo superar-te. Espera só.

À distância, Harry viu a mãe a repositonar as suas letras e sentiu que o amor que tinha pelas duas soprava através de si como um vento ameno.

— Vou simplesmente acrescentar um s à tua palavra para um campo de bois com obstipação, e subir com l-o-u-k-a-s. *Loukas*, um par de mulheres caras bebendo vinho barato e inventando palavras no *Scrabble*. — Dana pegou no seu copo. — Agora quem é que está a dar uma sova a quem?

— A noite é uma criança.

— Vou deixar-vos, suas *loukas*, e vou ter com o Will.

— Diverte-te, querido, e... — Dana calou-se assim que se virou. Levou as mãos à boca enquanto os seus olhos se enchiam de lágrimas. — Harry. Oh, Harry.

— O que foi? — Ele olhou para baixo e sorriu. — Ufa. Pensei que me tinha esquecido de fechar a braguilha.

— Não posso crer que tu... tu nem em bebé eras careca. Ele nasceu com a cabeça coberta de cabelo. Lembras-te, Mags?

— Sim, lembro-me. Queres um pouco de purpurina, companheiro? Tenho de sobra.

— Passo, obrigado.

— Oh, meu Deus, olhem para nós. — As lágrimas escorreram pelo rosto de Dana quando ela começou a rir. — Olhem só para nós. — Agarrou na mão de Mags e estendeu a outra para o filho. — Sou a mulher mais felizarda do mundo.

Nita chorou, mas não de um modo comovido ou solidário.

— Como pudeste fazer isso? Nem sequer falaste comigo primeiro.

— O cabelo é meu. Ou era.

A expressão no olhar dela fê-lo entender que iam discutir.

— Como é que *tu* te sentirias se eu cortasse o meu cabelo ou o pintasse de azul como uma excêntrica?

— O cabelo é teu.

— Oh, para ti é fácil falar porque sabes que eu nunca faria uma coisa dessas.

— Não me importo com o teu cabelo. Importo-me contigo. E fi-lo pela minha mãe.

Ela respirou profunda e ruidosamente, como fazia quando se considerava bastante razoável perante as asneiradas dele. Nos últimos oito meses, Harry havia percebido que, aos olhos de Nita, fazia muita asneirada.

— Lamento o que se passa com a tua mãe, tu sabes isso. O que ela está a passar é horrível. Odeio. E compreendo que tenhas de a ajudar a trabalhar e de lhe dar o teu apoio, e que por isso não podemos passar muito tempo juntos nem sair tanto como os outros casais.

— Mas...

Harry sabia que havia sempre um «mas» quando a Nita Razoável aparecia.

— Mas é o nosso último ano de escolaridade, e o jogo e o baile de boas-vindas são na próxima semana! Na próxima semana, Harry. O teu cabelo não vai

voltar a crescer numa semana. Como é que podemos ir ao nosso último baile de boas-vindas quando parece uma aberração?

Aquela foi a gota de água. Harry não sabia que era possível desapaixionar-se num instante.

— A minha mãe perdeu o cabelo. É a terceira vez que passa por isso. Deve fazer dela uma aberração tripla.

— Tu sabes que não era isso que eu queria dizer e é uma estupidez que o digas. A tua mãe... é uma vítima. Tu fizeste-o de propósito e nem sequer me consultaste antes.

Harry não sabia que, quando uma pessoa se desapaixona, podia sentir-se tão fria.

— A minha mãe não é nenhuma vítima. É uma guerreira. E eu não tenho de te consultar, a ti nem a ninguém, acerca do que faço por ela. E isto? — Apontou para a cabeça. — Isto não vai voltar a crescer até o dela crescer. Como isso faz de mim uma aberração e tu não queres ser vista com uma, acabamos aqui.

Os olhos dela arregalaram-se com o choque antes de se encherem de lágrimas.

— Estás a acabar comigo? Rapas a cabeça e acabas comigo, mesmo antes do baile de boas-vindas? Não podes fazer isso.

— Rapar a cabeça não teve nada que ver contigo, e tu deixaste claro que não queres ir comigo nestas circunstâncias.

— Eu já tenho o vestido!

— Então usa-o, ou não. O problema não é meu.

— Tu não podes simplesmente... Nós estamos a ter relações sexuais.

— Já não.

Harry virou-lhe as costas e sentiu-se indiferente e livre. Chegou à conclusão de que ter ido vê-la, a caminho da casa de Will, lhe havia aberto as perspetivas.

Tudo corra bem quando a mãe estivera em remissão, mas a relação com Nita começara a vacilar quando o cancro voltara, quando ele deixara de poder sair com ela com a mesma frequência ou de lhe dar a atenção que ela queria.

E ela havia sido subtil a esse respeito, o suficiente para o fazer sentir-se culpado e dividido.

Bem, isso tinha acabado.

Talvez fosse sentir falta de ter uma namorada e sentiria, sem dúvida, falta do sexo que haviam feito quando possível, mas ele tinha muito com que se ocupar. A escola — e mantinha a esperança de conseguir uma bolsa de

estudos para a Northwestern University —, os amigos, o trabalho com a tia, a mãe e o seu trabalho noturno.

De mãos nos bolsos, cabeça baixa e maldispuesto, arrastou os pés até à casa de Will. Bateu à porta do alegre bangaló branco.

O pai de Will, envergando a sua *sweatshirt* dos Chicago Bears, abriu a porta e inclinou a cabeça. Arrancou o boné a Harry e sorriu.

— Rapaz! — disse ele, passando a mão pela cabeça áspera. — Posso alisar-te isso, se quiseres.

— Pode?

O pai de Will passou a mão pela própria cabeça calva.

— Tenho jeito para a coisa. — Pousou a mão no ombro de Harry e os seus olhos humedeceram ligeiramente. — És um tipo às direitas, Harry Booth. Anda, mete esse teu esqueleto branco aqui dentro.

O outono fresco e colorido converteu-se abruptamente num inverno cinzento e branco, que golpeou com punhos brutais e soprou o seu ar gélido sobre a cidade como se estivesse decidido a congelá-la.

O forno novo cumpria com a sua função, mas o velho esquentador deu o seu último suspiro numa manhã de fevereiro que despontou com vinte e dois graus negativos.

Harry tinha dinheiro suficiente para um novo, mas teve de mentir à mãe dizendo-lhe que conseguira um bom negócio que incluía o aparelho e a instalação. Não era a primeira mentira que lhe contava naquele inverno, e não seria a última.

Harry dizia para si mesmo que ela parecia melhor e que, quando o inverno passasse e ela pudesse sair e voltar a caminhar ao ar fresco, iria recuperar totalmente.

A sua carta de admissão na Northwestern University e a bolsa de estudos animaram-na. Agora ela podia examinar alegremente as brochuras da universidade, visitar o seu *website* e passar noites inteiras a fazer listas daquilo que pensava que ele iria necessitar no quarto da residência universitária.

Mas ele fizera as contas.

— No primeiro ano vou e venho todos os dias. Vou ficar a viver em casa. Assim tenho alojamento e serviço de lavandaria grátis.

— Quero que vivas a experiência na sua totalidade. És a primeira pessoa da família a ir para a universidade. E és tão boa pessoa. Eu quero...

— Viverei grande parte da experiência... e não terei de partilhar quarto com alguém que não conheço. Quando já conhecer os cantos à casa e tiver

alguns amigos e assim, ponderarei a hipótese de viver no *campus* no próximo ano.

— Mas perderás todas as atividades, as festas.

— Agora queres que eu vá embebedar-me nas festas universitárias?

Ela sorriu ligeiramente.

— Mais ou menos. Quero que tenhas uma vida.

— Eu tenho uma vida.

— E passas grande parte dela a cuidar de mim. Eu sei que é mais dispendioso viver no *campus*, e que a bolsa não dá para tudo, mas podemos pedir um empréstimo para estudantes.

— No próximo ano.

Ela recostou-se.

— Estou a pensar fazer uma segunda hipoteca sobre a casa.

— Não.

Dana cruzou os braços sobre o seu peito magro.

— Harrison Silas Booth. Quem é que manda aqui?

— Bem, Dana Lee Booth, tu disseste que querias que eu tivesse uma vida e isso implica tomar as minhas decisões. A minha decisão é viver em casa durante o primeiro ano.

— Primeiro semestre. O primeiro semestre é um bom compromisso, Harry. Nessa altura já conhecerás os cantos à casa e terás amigos.

— Estás mesmo ansiosa para te livrares de mim.

Dana estendeu a mão e pousou-a sobre a do filho.

— Quero que o meu passarinho ganhe asas. Quero ver-te voar, Harry. Tens o primeiro semestre para te familiarizares e depois decidimos o resto.

— Primeiro semestre, mas pões de parte a ideia de uma segunda hipoteca.

— De acordo. Veremos os empréstimos para estudantes. Podias arranjar um trabalho no *campus*. É um belo *campus*.

Porque a fazia feliz, Harry deixou-a fantasiar.

Mas ele já tinha um trabalho, e assim que ela se deitasse, ele iria trabalhar.

Um casal de jovens profissionais, a passar o gélido fevereiro na sua casa de férias em Aruba, tinha uma bela coleção de relógios de marca, masculinos e femininos. *Bvlgari, Rolex, Chopin, Baume & Mercier, TAG Heuer*. E, segundo as suas informações, um par de relógios *Graff*.

Harry duvidava que tivessem levado tudo com eles.

Mas se isso se revelasse um fiasco, as pessoas que colecionavam relógios de mais de dez mil dólares tinham montes de outras coisas boas por onde escolher.

Ele tinha esperança de conseguir os relógios; um de cada marca, pois não

era nenhum monstro. Se entre eles houvesse um *Graff*, o lucro da venda daria para pagar as despesas médicas, da casa e da universidade durante meses.

Ele estivera no interior da casa na primavera anterior, quando os proprietários tinham entrevistado a empresa Irmãs Cintilantes para um serviço de limpeza a fundo, mas não as haviam contratado, por isso conhecia a disposição geral. Conhecia o sistema de segurança e conseguia contorná-lo.

E sabia que os Jenkinson tinham dois cofres, um no escritório e outro no *closet* do quarto principal; era nesse que estariam os relógios.

Harry fizera um investimento e comprara um cofre da mesma marca. Alugara uma pequena arrecadação, onde guardava temporariamente as coisas de que iria precisar. E no seu interior praticara, durante semanas, a arte de arrombar cofres.

Provavelmente para sorte de Harry, os Jenkinson não tinham comprado o modelo topo de gama, mas ele estava convencido de que tinha jeito para a arte. Com a sua nova aptidão, alguma sorte e os previstos quinze a vinte e cinco centímetros de neve que ele tomou como um sinal, no outono entraria na universidade livre de dívidas. Ou quase.

Preocupava-o deixar a mãe sozinha, até durante as duas horas — três, no máximo — que o serviço demoraria. E se a tempestade provocasse um corte de energia? E se ela se sentisse mal e o chamasse?

E se, e se?

Mas se aquele trabalho lhe corresse bem — e iria correr, seguramente —, ele poderia usar o dinheiro paulatinamente, pagar as coisas aos poucos e dizer à mãe que estava a dar mais umas explicações.

Havia de lhe ocorrer alguma coisa.

Assim, apanhou o comboio, um mero adolescente agasalhado até à ponta dos cabelos como toda a gente numa noite ventosa e nevosa em Chicago.

Saiu na paragem anterior ao seu destino e guardou os óculos de armação espessa, que usara durante a viagem, num dos bolsos interiores do casaco. Trocou o gorro por um boné e percorreu penosamente quase um quilómetro através do frio penetrante.

À uma da manhã, qualquer pessoa de bom senso, ou sem roubos em mente, estaria abrigada em casa. A única coisa que o preocupava no trajeto era a possibilidade de um carro-patrolha parar para ver o que raio estava ele a fazer na rua.

Diria que fora visitar a namorada, que ia a caminho do metro para voltar para casa. Não havia problema nenhum, senhor agente.

Mas Harry não viu patrulha nenhuma e, quando chegou ao seu destino, continuou a caminhar com determinação.

A seu ver, se alguém tentava passar despercebido, as pessoas prestavam atenção.

Então não hesitou e foi direito à porta da frente.

A fechadura não foi obstáculo, pois os Jenkinson haviam optado mais pela decoração do que pela verdadeira segurança, com um único cilindro e tranca básica em bronze veneziano.

Ele conseguiu abri-la em menos de um minuto.

Harry descalçou as botas, entrou com os pés envoltos nas suas meias grossas, enfiou as botas num saco de plástico e foi contando os segundos na sua cabeça.

Fechou a porta, trancou-a e foi direito à caixa do alarme.

Também nesse aspeto haviam sido básicos. Abriu-a, desativou o alarme e ficou parado, deixando o silêncio envolvê-lo.

Aquela era a sua parte favorita, reconhecia. Depois da preparação, do treino e do estudo, chegava o momento em que podia simplesmente ficar no silêncio com o pulso frenético de excitação.

O roubo e o lucro? Isso era apenas trabalho.

Mas aquele momento, aquele silêncio... isso era seu.

Então desfrutou dele antes de avançar.

Subiu as escadas, atravessou a porta dupla à esquerda e entrou no *closet* na parede direita.

Muita roupa... e montes de sapatos. Aqueles dois eram loucos por moda. Mas ele não pôde deixar de admirar os fatos do homem — de lã finíssima —, as camisas com o monograma nos punhos e o couro macio dos sapatos de marca.

Admirou também a coleção de camisolas da mulher. Caxemira, lã de merino. Sentiu-se fortemente tentado a levar uma, só uma, para a mãe. Eram tão quentes e macias...

Mas isso suscitaria perguntas e ele não queria mentir sobre um presente.

Em vez disso, Harry iluminou o cofre com a sua lanterna e sorriu.

— Olá. Tenho estado a trabalhar com o teu irmão há algum tempo. Vamos conhecer-nos. — Abanou a cabeça enquanto sacava do estetoscópio. — Fechadura de combinação básica. Deviam ter arranjado melhor.

O seu primeiro passo foi descobrir a extensão da combinação. Para garantir que libertava todas as rodas, girou três vezes o disco de combinação no sentido dos ponteiros do relógio.

Encostou a campânula do estetoscópio ao lado do disco e começou a girá-lo no sentido inverso ao dos ponteiros do relógio. Quando ouviu os primeiros dois cliques, parou e anotou o número indicado no disco.

Reiniciou o disco e repetiu mais duas vezes, para confirmar.

— Bom começo.

Girou o disco no sentido inverso ao dos ponteiros do relógio até chegar ao ponto oposto ao primeiro número anotado. Voltou atrás, lenta e cuidadosamente, até à posição em que havia imobilizado as rodas, prestando atenção aos cliques e anotando quantos eram até deixar de os ouvir.

Uma combinação de quatro números, pensou.

Era chegado o momento de aplicar os seus conhecimentos matemáticos; quem dizia que a álgebra não se usava na vida real?

Desenhou dois gráficos de linhas e legendou-os. O eixo X para o ponto inicial e o eixo Y para o ponto de contacto.

Reiniciou o disco de combinação e reposicionou-o no zero.

Trabalhou em silêncio — só se ouviam os cliques — e com paciência, anotando cada ponto de contacto e colocando os valores de x e y nos gráficos. Precisou de trinta e três minutos de trabalho metuculoso, escuta atenta e cálculos exatos para identificar os quatro números: $8 - 9 - 14 - 2$.

Agora precisava da sequência. Começou a experimentar os números como os havia anotado, mas deteve-se.

— É uma data. Céus, é o Dia de São Valentim. Provavelmente o primeiro encontro deles ou algo do estilo. Em 1998. Poderá ser assim tão fácil?

Uma combinação de quatro números pressupunha perto de duas mil variáveis. Era impossível acertar à primeira. Mas ele tentou: $2 - 14 - 9 - 8$.

E quando puxou a alavanca, a porta abriu-se, suave como seda.

— Oh, merda! Já está!

A excitação quase alcançou o nível daquele primeiro orgasmo estranho e avassalador aos doze anos.

Harry sacou do cronómetro e premiu o botão.

— Trinta e cinco minutos e doze segundos. Nada mal, mas hei de melhorar.

Retirou uma caixa com tampa de vidro, sem fechadura, que devia conter uma dúzia de relógios de senhora. Naquele momento continha sete. E um era *Graff*.

Tirou-o e iluminou-o com a lanterna.

Nunca havia segurado algo tão caro nas mãos. E era um belo objeto, sem dúvida. Os diamantes fulguravam sob a luz, e as safiras que os rodeavam reluziam.

Aprenderia mais sobre pedras preciosas, prometeu a si mesmo. Tinham... vida dentro delas. Eram mais divertidas do que selos ou moedas antigas.

Colocou o relógio dentro da bolsa que levava, voltou a guardar a caixa no

cofre, tirou a seguinte e estudou a coleção masculina. Decidiu-se pelo *Rolex* — era um clássico por algum motivo — e recolocou a caixa no cofre.

Retirou outras caixas com botões de punho, brincos, pulseiras, colares. Pequenas coleções, mas impressionantes.

E tentadoras.

Tenho de voltar para casa, lembrou a si mesmo; e ainda tinha de passar pela arrecadação para deixar o furto.

Mas, no final, os seus dedos pegaram simplesmente num par de brincos de diamantes quadrados. Pequenos, mas elegantes, e provavelmente difíceis de rastrear.

Harry fechou o cofre e girou o disco. Deu uma vista de olhos em volta para se assegurar de que não deixava nada seu para trás.

Saiu pelo mesmo caminho e, menos de uma hora depois de ter entrado na casa, estava a atravessar a neve que caía intensamente com, calculava ele, cerca de duzentos mil dólares na mochila.

Ia tentar sacar vinte por cento. Aceitaria dez, mas ia tentar negociar. E talvez conseguisse quinze.

E com trinta mil conseguiria liquidar grande parte das faturas médicas.

Na primavera poderiam respirar ar fresco e as contas do aquecimento desapareceriam. Talvez, quem sabe, conseguisse convencer a mãe a tirar férias no verão. Há muito que haviam vendido o seu velho carro, mas podiam alugar um. Ele tinha licença de aprendizagem. Frequentara o curso de condução na escola e o pai de Will dava-lhe aulas práticas no seu carro. Podia tirar a carta, alugavam um carro e viajavam até à costa.

A mãe havia-lhe dito que gostava muito de ver o oceano. Além disso, supostamente a maresia fazia bem à saúde e tudo isso.

Podiam ficar num motel perto da praia durante uns dias. A viagem de ida e volta... também eram férias. Não tinham férias desde...

Desde o cancro, pensou ele, e afastou o pensamento.

Tinha tido uma noite fantástica, não fazia sentido estragá-la. Era altura de olhar em frente; para a primavera, para o verão, para a universidade no outono.

Mas o inverno prolongou-se e março terminou tão tormentoso como havia começado.

Em meados de abril, Harry chegou à conclusão de que Chicago se havia transformado no gélido planeta Hoth.

Então, lentamente, a primavera começou a descerrar o punho gélido do inverno.

Escancaravam as janelas para deixar entrar o ar. Claro que tinham de as fechar durante a noite para não morrerem congelados, mas era um começo.

Harry sentia a esperança florescer como os crocos que a mãe plantava quando era menino.

Inclusive, andava com uma nova rapariga. Alyson. Era uma fanática das ciências, mas muito gira. Nada sério; ele não queria relações sérias antes de entrar para a universidade. Mas tinha companhia para o baile de finalistas e isso era importante.

Caminhava de volta a casa envolto no ar quase balsâmico, revendo mentalmente a agenda daquela noite.

Fazer os trabalhos de casa, pois tinha de manter as boas notas, e pesquisar mais um pouco sobre pedras preciosas. O jantar... talvez conseguisse convencer a mãe a pedir pizzas. E queria observar mais de perto um alvo potencialmente lucrativo.

Entrou em casa bem-disposto.

— Olá, mãe! Vou comer qualquer coisa. Acho que vou ter uma excelente nota no teste de química que fiz hoje. Tenho um monte de trabalhos de casa, mas está tudo controlado.

Tinha um pacote de *Doritos* numa mão e uma lata de *Coca-Cola* na outra quando a mãe saiu do quarto.

— Costumavas preferir uma sanduíche de manteiga de amendoim e geleia quando vinhas da escola.

— Os tempos mudam. Preciso dos hidratos de carbono e da energia da cafeína para a matemática e o artigo que tenho de escrever para... — O modo como a mãe o olhava trespassou a sua boa disposição. — O que se passa?

— Vamos sentar-nos, Harry.

— Mãe.

— Por favor. Vamos sentar-nos. E se me trouxesses uma *Coca-Cola* dessas?

Harry obrigou-se a não pensar em nada; era tudo o que podia fazer. Verteu a bebida da mãe num copo com gelo porque era assim que ela gostava. Depois sentou-se com ela à mesa da cozinha.

— Hoje fui fazer uma tomografia computadorizada.

— O quê? Não me disseste que tinhas isso marcado. Eu costumo ir contigo.

— Tu tens aulas. A Mags foi. E eu não te disse nada, querido, porque foi o médico que pediu. Ele pediu porque... Querido, desta vez a quimioterapia não está a resultar.

— Não, eles disseram que sim. Eles disseram.

— E resultou, durante pouco tempo, no outono passado e no inverno, mas já não, Harry, há já algum tempo.

Ele já sabia, não sabia? Lá no fundo, ele sabia. As olheiras cada vez mais profundas, a energia que se desvanecia como a carne sobre os ossos.

— Tentarão outro tratamento.

— Harry. — Dana segurou nas mãos do filho. — Espalhou-se. Eles fizeram tudo o que podiam.

As mãos que o seguravam pareciam penas descarnadas. Tão leves, tão magras e afiladas.

— Não acredito nisso. E tu também não podes acreditar.

— Preciso que sejas corajoso por mim. Não é justo. Eu não devia ter de te pedir para seres corajoso. Nada disto tem sido justo. Roubou-te a infância, e eu odeio isso. Odeio. Não estou a dizer que não lutarei, não estou a dizer isso. Mas vamos parar com a química.

— Mãe, por favor...

— Poderia dar-me mais um par de meses; meses que eu passaria muito mal. Mas só isso. Quero o tempo que me resta contigo para ser tua mãe, pelo menos a maior parte. — Apertou as mãos do filho com força. — Seis meses. Talvez oito ou nove, com mais tratamentos. Eu submeter-me-ia ao tratamento cem vezes, Harry, se com isso pudesse ver-te a tornares-te um homem. Licenciaries-te, apaixonares-te, formares uma família. Mas não posso. O meu coração deseja-o... tu és tudo para mim... mas o corpo não me deixa.

— Já o venceste antes.

— Não desta vez. Ajuda-me a tornar bons estes seis meses.

— Já o venceste antes — repetiu ele.

Quando ela o rodeou com os braços, ele voltou a ser uma criança. E a criança encostou o rosto ao peito da mãe e chorou.